

Querida Luês Roque

É com muita honra que aceito ao teu pedido e ao mesmo tempo quero-te felicitar por dois motivos:

- O primeiro é por pertenceres ao Agrupamento de Escolas da Vidigueira, onde há professores que se preocupam em tornar os alunos cidadãos conscientes e responsáveis, dando-vos identificação cultural com a História do país que vos viu nascer, porque ela é o maior factor na construção da coesão e de consensos.

É assim que se constrói Portugal; transmitindo a cada um a matriz identitária que fortalece a sociedade, mostrando de onde viemos e para onde queremos ir. A revolução de 1385, a reconquista da independência em 1640 e a Revolução de 25 de Abril de 1974, que nos devolveu a Liberdade e a Democracia, são acontecimentos históricos de grandeza semelhante e um dos mais antigos caminhados entre todos os povos da Europa, porque os portugueses sempre foram conscientes dos seus valores patrios, carregados pela História que, do fundo da alma coletiva, lhes dá forças para vencerem os Adamastores que são afinal as crises e reencon-

tramem o seu caminho.

- O segundo por teres um pai corajoso e generoso que

2

Sabendo interpretar que era chegado o momento de rasgar a noite de Trevas, em que vivíamos, a qual coartava as liberdades mais profundas; como a liberdade de pensamento e de expressão, ajudou a reencontrar o caminho ao tomar parte do que se chamou a tentativa falhada do golpe das Caldas da Rainha. Mas ela não foi falhada porque concitou a adesão maciça de todos os militares que àquela data hesitaram em entrar na acção para derrube do regime. Ficaram de consciência pesada e 40 dias depois apareceram todos. Para imagináveis até que ponto fomos catalizadores do 25 de Abril, lembro que em Mafra, na noite de 24 de Abril, o Capitão Rui Rodrigues, comandante das forças em parada (cerca de 400 homens) disse: Vai começar hoje uma revolução para tirar nos da prisão da Trafaria os nossos camaradas. Quem quer vir dá um passo em frente, quem não quer, sai da formação. E, em Santarém, Salgueiro Maia por outras palavras expressou a mesma ideia. Estes dois acontecimentos revelam a ligação directa entre o 16 de Março, 1974 e o 25 de Abril. Os historiadores referem-se àquela data como o princípio do fim. Sem o 16 de Março, não seria possível fazer uma Revolução das Flores como veio a chamar-se o 25 de Abril de 1974. Ao golpe militar do 16 de Março pode chamar-se o 1.º acto de uma peça em dois actos, o 1.º, o 25 de Abril. É que se assim não tivesse acontecido teríamos centenas de mortos porque o aparelho militar de repressão era muito forte. Bem protegido, o regime ditatorial era difícil de derubar e, provavelmente, chegar-se-ia a uma guerra civil se houvesse apenas um embate.

Terás compreendido neste ponto que podes chamar herói ao teu pai, sem qualquer receio ou hesitação. ③

Pedes-me uma comparação entre «o antes e o agora» e convictamente, eu digo-te que apesar do mau momento que sofremos agora, não só por razões internas, mas, mas também e sobretudo, por razões externas; económicas e financeiras à escala planetária, que radicam na ganância das pessoas e dos Estados, o agora é muito melhor que o antes, porque se criaram infraestruturas e continuar-se-ão a criar, que permitirão grande desenvolvimento num futuro que desejo te contemple logo no dealbar da tua vida profissional. É que para ultrapassar a actual crise não depende só de nós mas sim de resto do mundo, de tal forma enriquecido na mudança de valores, muito rápida, que a globalização provoca, que ninguém te saberá responder com segurança, quando é que ela acabará. Não cabe aqui detalhar o porquê. Isso seria abugar muito o presente texto e certamente não é esse o teu desejo. Esta é aliás uma questão que os teus professores te sabem esclarecer.

Cingindo-me ainda ao teu pedido fulcral, posso dizer-te que a Revolução (em dois actos) do 25 de Abril de 1974, era inevitável porque teimosamente, desafiando os ventos dominantes que emanavam das Cartas das Nações Unidas e do Atlântico e resoluções da ONU, Salazar e depois Marcelo Caetano, no ardis «do orgulhosamente só», juntamente com os que com eles partilhavam o poder político, navegavam «à vista» no mar da História, com o risco de naufrágio

4
gio, sem encontrarem uma solução política que os detur-
minismos dessa história impunham (a sede de poder,
como é consabido, cega os políticos mais teimosos, con-
vencidos e atrevidos!...).

Neste regime autoritário que tolhia o país e infernizava
a vida dos portugueses (quase não havia famílias sem um
morto ou estrofiado na guerra colonial!), parecia esquecer o
ensinamento do filósofo militar e general Prussiano Clausewitz
de que a guerra é a continuação da política
por meios violentos, visando alcançar a paz, fim último
a que, na história da humanidade, o homem sempre
conseguiu alcançar.

Depois foram os longos 13 anos de guerra com
milhares de mortos e estrofiados e o povo a sofrer
na miséria para a custear.

E foi assim que ao fim da tarde de 15 de Março
de 1974, quatro militares: Manuel Monteiro, Casanova
Ferreira, Otelo e eu, cansados de esperar, depois
de uma agitação rocamboluesa por quase todas as
unidades militares do país, decidimos dizer basta
e pegámos em armas.

Mas ainda quanto ao teu «antes e agora», para
além da liberdade e da Democracia, direi que
passámos de uma sociedade pobre e rural, com
30% da população activa trabalhando na agricultura —
com salários por metade dos europeus, analfabeta
a 50%, com metade das habitações sem água, esgotos
e luz eléctrica, com uma das piores taxas de morta-
lidade infantil da OCDE — para uma sociedade
com a 4ª melhor taxa mundial na mortalidade infan-
til. Somos líderes mundiais na tecnologia dos trans-

5
fermadores de energia, em vários tipos de máquinas, no papel, na cortiça, no calçado e um dos maiores produtores nos têxteis, na indústria de moldes, nas energias renováveis; 4º produtor mundial.

Estamos bem hoje? Claro que não! Temos uma classe política onde abundam os corruptos que nos governam há 40 anos, uma justiça que não funciona bem e agora estamos afectados pela crise económica mundial, a que ninguém escapa.

Teremos mais uma vez que ser pacientes e ter esperança de que estes três flagelos sejam corrigidos e sanados, certos de que os ideais democráticos são as chaves do futuro.

Espero que este meu depoimento tenha qualquer préstimo para ti e para os Teus colegas.

Recebe um beijinho do

Amândio Marques Ramos
Coronel de Infantaria